

RE-100-62

Lisboa, 4 de Novembro de 1968

Meu Caro Eduardo Lourenço

Telefonou-me ontem o Virgílio Ferreira e uma das coisas que o levou a isso foi transmitir-me um recado seu de espanto pelo meu silêncio. Tem razão, mas não foi por incúria que deixei sem resposta a sua carta de 24 de Setembro. R que o que queria dizer se compadece pouco com os "efeitos aleatórios que a escrita impõe" para usar uma expressão sua e andei à espera dum portador, que já agora tenho.

Assim, posso já escrever: 1 ponto - eu não sou, nem nunca fui, democrata-cristão. Todas as constações dessa palavra são-me mesmo particularmente irritantes, como mo é a sua prática conhecida italiana ou alemã. A democracia cristã talvez tenha jogado um papel histórico (mesmo assim em detrimento dos dois adjectivos que a formam), mas a hora delas passou há muito ou devia ter passado. A mistura da religião e política, por um lado - e sempre para defesa da sacrosanta civilização ocidental, da N.A.T.O. ou para a "conversão" dos ajuizados ex-fascistas ou ex-nazis (cf. Kiesinger) - por outro o enfeudamento às directrizes do Vaticano e das hierarquias locais que podem ser melhores (João XXIII) ou piores (Paulo VI) mas que são sempre directrizes, tornam-se esse partido nas suas diversas configurações (até in limine no caso do Chile) uma experiência sem nenhuma sedução. Aqui, em Portugal, penso que ela seria particularmente catastrófica: D.C. versão Cerejeira, será saída para muita coisa, ponto de encontro de muitos vultos amados e conhecidos, mas nunca entrada para quem quer algo mais para este país do que tudo mudar para tudo ficar na mesma.

E por esta mesma frase que eu bego nas suas considerações sobre o momento actual, para lhe dizer que estou longe de compartilhar do seu optimismo. Sei que há muita gente contente porque já pode dizer que já pode dizer, sei que há uma certa atenuação da Censura

[p.1]

Lisboa, 4 de Novembro de 1968

Meu Caro Eduardo Lourenço

Telefonou-me ontem o Virgílio Ferreira e uma das coisas que o levou a isso foi transmitir-me um recado seu de espanto pelo meu silêncio. Tem razão, mas não foi por incúria que deixei sem resposta a sua carta de 24 de Setembro. É que o que queria dizer se compadece pouco com os "efeitos aleatórios que a escrita impõe" para usar uma expressão sua e andei à espera dum portador, que já agora tenho.

Assim, posso já escrever: 1 ponto - eu não sou, nem nunca fui, democrata-cristão. Todas as constações dessa palavra são-me mesmo particularmente irritantes, como mo é a sua prática conhecida italiana ou alemã. A democracia cristã talvez tenha jogado um papel histórico (mesmo assim em detrimento dos dois adjectivos que a formam), mas a hora delas passou há muito ou devia ter passado. A mistura [sic] da religião e política, por um lado - e sempre para defesa da sacrosanta civilização ocidental, da N.A.T.O. ou para a "conversão" dos ajuizados ex-fascistas ou ex-nazis (cf. Kiesinger) - por outro o enfeudamento às directrizes do Vaticano e das hierarquias locais que podem ser melhores (João XXIII) ou piores (Paulo VI) mas que são sempre directrizes, tornam-se esse partido nas suas diversas configurações (até in limine no

AE-100-62

Lisboa, 4 de Novembro de 1968

Meu Caro Eduardo Lourenço

Telefonou-me ontem o Virgílio Ferreira e uma das coisas que o levou a isso foi transmitir-me um recado seu de espanto pelo meu silêncio. Tem razão, mas não foi por inércia que deixei sem resposta a sua carta de 24 de Setembro. R que o que queria dizer se compadece pouco com os "efeitos aleatórios que a escrita impõe" para usar uma expressão sua e andei à espera dum portador, que já agora tenho.

Assim, posso já escrever: 1 ponto - eu não sou, nem nunca fui, democrata-cristão. Todas as constações dessa palavra são-me mesmo particularmente irritantes, como mo é a sua prática conhecida italiana ou alemã. A democracia cristã talvez tenha jogado um papel histórico (mesmo assim em detrimento dos dois adjectivos que a formam), mas a hora delas passou há muito ou devia ter passado. A mistura da religião e política, por um lado - e sempre para defesa da sacrosanta civilização ocidental, da N.A.T.O. ou para a "conversão" dos ajuizados ex-fascistas ou ex-nazis (cf. Kiesinger) - por outro o enfeudamento às directrizes do Vaticano e das hierarquias locais que podem ser melhores (João XXIII) ou piores (Paulo VI) mas que são sempre directrizes, tornam-se esse partido nas suas diversas configurações (até in limine no caso do Chile) uma experiência sem nenhuma sedução. Aqui, em Portugal, penso que ela seria particularmente catastrófica: D.C. versão Cerejeira, será saída para muita coisa, ponto de encontro de muitos vultos amados e conhecidos, mas nunca entrada para quem quer algo mais para este país do que tudo mudar para tudo ficar na mesma.

E por esta mesma frase que eu pego nas suas considerações sobre o momento actual, para lhe dizer que estou longe de compartilhar do seu optimismo. Sei que há muita gente contente porque já pode dizer que já pode dizer, sei que há uma certa atenuação da Censura

[cont. p.1]

caso do Chile) uma experiência sem nenhuma sedução. Aqui, em Portugal, penso que ela seria particularmente catastrófica: D.C. versão Cerejeira, será saída para muita coisa, ponto de encontro de muitos vultos amados e conhecidos, mas nunca entrada para quem quer algo mais para este país do que tudo mudar para tudo ficar na mesma.

E por esta mesma frase que eu pego nas suas considerações sobre o momento actual, para lhe dizer que estou longe de compartilhar do seu optimismo. Sei que hei muita gente contente porque já pode dizer que já pode dizer, sei que há uma certa atenuação da Censura

que consiste em deixar que se possa dizer que se pode dizer; sei que se fala em lei de imprensa, em direcções de sindicatos não homologadas, etc., etc. Sei tudo isso e não o minimizo. Mas não participo de optimismos que são projectivos e que como o Sena dizia no Indesejado vem dos que "de coração cheio de esperança ouvem só festa onde só há desordem!". No essencial tudo se mantém, apenas se acerta o passo para se não fazer figura medievalista que só se aturava a quem tinha dela o gesto e o vulto. Continuam os aparelhos repressivos (ainda há dois dias lá morreu mais um, 24 anos, antigo seminarista, entrado aqui à luz do luar para a revolução que este país precisa e não encontra), mantêm-se as mesmas estruturas de poder omnipotentes e omnivigiantes (Alta Finança, Hierarquia Católica, Exército) mantêm-se até a ordem corporativa e as grandes alianças são sossegadas quanto ao rumo a seguir. Ao país pede-se um cheque em branco (onde é que já ouvimos linguagem análoga) e os sacrifícios de algumas liberdades (tema também antigo ou continuidade na renovação). E depois algumas migalhas para não irmos entretendo e não fazer muito barulho, já, que aí está o papão ultra (equivalente bem achado do que o papão comunista é para eles) e se não nos portarmos com juízo... E a ordem pública será inexoravelmente mantida.

Você dirá que eu exagero e que participo do maximalismo que será peche dos portugueses. Mas também o é o sabastianismo da manhã de nevoeiro e nossos salvadores acabam encartados mais ou menos tristemente. Que há que saber aproveitar, é certo, mas não chegou ainda o Godot messiânico nem se entrevê a terra prometida. E entre a ambiguidade proveitosa e adormecedora e uma realidade nua e crua, a única prefiro a segunda. Ao menos não se engana ninguém.

E o que me fez mais impressão é que muita gente se deixa enganar. Dá-se neste sinistro país um fenómeno que é altamente curioso: cansados de 40 anos de oposição frustrante, muita gente aproveita o momento com um oportunismo de estarrecer: mudar em vida do Salazar era uma vergonha; agora é aproveitar e garantir que tudo mudou para sossego próprio e da sua consciência.

[p.2]

que consiste em deixar que se possa dizer que se pode dizer; sei que se fala em lei de imprensa, em direcções de sindicatos não homologadas, etc., etc. Sei tudo isso e não o minimizo. Mas não participo de optimismos que são projectivos e que como o Sena dizia no Indesejado vem dos que "de coração cheio de esperança ouvem só festa onde só há desordem". No essencial tudo se mantém, apenas se acerta o passo para se não fazer figura medievalista que só se aturava a quem tinha dela o gesto e o vulto. Continuam os aparelhos repressivos (ainda há dois dias lá morreu mais um, 24 anos, antigo seminarista, entrado aqui à luz do luar para a revolução que este país precisa e não encontra), mantêm-se as mesmas estruturas de poder omnipotentes e omnivigiantes (Alta Finança, Hierarquia Católica, Exército) mantêm-se até a ordem corporativa e as grandes alianças são sossegadas quanto ao rumo a seguir. Ao país pede-se um cheque em branco (onde é que já ouvimos linguagem análoga) e os sacrifícios de algumas liberdades (tema também antigo ou continuidade na renovação). E depois algumas migalhas para nos irmos entretendo e não fazer muito barulho, já, que aí está o papão ultra (equivalente bem achado do que o papão comunista é para eles) e se não nos portarmos com juízo... E a ordem pública será inexoravelmente mantida.

Você dirá que eu exagero e que participo do maximalismo que será peche dos portugueses. Mas também o é o

que consiste em deixar que se possa dizer que se pode dizer; sei que se fala em lei de imprensa, em direcções de sindicatos não homologadas, etc., etc. Sei tudo isso e não o minimizo. Mas não participo de optimismos que são projectivos e que como o Sena dizia no Indesejado vem dos que "de coração cheio de esperança ouvem só festa onde só há desordem!". No essencial tudo se mantém, apenas se acerta o passo para se não fazer figura medievalista que só se aturava a quem tinha dela o gesto e o vulto. Continuam os aparelhos repressivos (ainda há dois dias lá morreu mais um, 24 anos, antigo seminarista, entrado aqui à luz do luar para a revolução que este país precisa e não encontra), mantêm-se as mesmas estruturas de poder omnipotentes e omnivigilantes (Alta Finança, Hierarquia Católica, Exército) mantêm-se até a ordem corporativa e as grandes alianças são sossegadas quanto ao rumo a seguir. Ao país pede-se um cheque em branco (onde é que já ouvimos linguagem andloga) e os sacrifícios de algumas liberdades (tema também antigo ou continuidade na renovação). E depois algumas migalhas para não irmos entretendo e não fazer muito barulho, já, que aí está o papão ultra (equivalente bem achado do que o papão comunista é para eles) e se não nos portarmos com juízo... E a ordem pública será inexoravelmente mantida.

Você dirá que eu exagero e que participo do maximalismo que será peche dos portugueses. Mas também o é o sabastianismo da manhã de nevoeiro e nossos salvadores acabam encartados mais ou menos tristemente. Que há que saber aproveitar, é certo, mas não chegou ainda o Godot messiânico nem se entrevê a terra prometida. E entre a ambiguidade proveitosa e adormecedora e uma realidade nua e crua, ainda prefiro a segunda. Ao menos não se engana ninguém.

E o que me fez mais impressão é que muita gente se deixa enganar. Dá-se neste sinistro país um fenómeno que é altamente curioso: cansados de 40 anos de oposição frustrante, muita gente aproveita o momento com um oportunismo de estarrecer: mudar em vida do Salazar era uma vergonha; agora é aproveitar e garantir que tudo mudou para sossego próprio e da sua consciên-

[cont. p.2]

o sabastianismo [sic] da manhã de nevoeiro e nossos salvadores acabam encartados mais ou menos tristemente. Que há que saber aproveitar, é certo, mas não chegou ainda o Godot messiânico nem se entrevê a terra prometida. E entre a ambiguidade proveitosa e adormecedora e uma realidade nua e crua, ainda prefiro a segunda. Ao menos não se engana ninguém.

E o que me fez mais impressão é que muita gente se deixa enganar. Dá-se neste sinistro país um fenómeno que é altamente curioso: cansados de 40 anos de oposição frustrante [sic], muita gente aproveita o momento com um oportunismo de estarrecer: mudar em vida do Salazar era uma vergonha: agora é aproveitar e garantir que tudo mudou para sossego próprio e da sua consciên-

cia infeliz. Já se chega ao ponto de um conhecido opositorista me ter dito nou-
tro dia, com aparente convicção, a propósito do tal tipo que morreu em Caxias,
que o Marcello não podia saber de tudo, que estava era mal rodeado, etc. Ah!
si le roi savait ça. Onde isto tudo é mais espantoso é em jornais como o Diário
de Lisboa ou a Capital que funcionam como o Diário da Manhã do novo regime
(a piada não é minha) e que dedicam, dia a dia, editoriais e notas do dia a insis-
tir no que de positivo adivinham ou querem adivinhar. Junte a tudo isto o apolitis-
mo total de 90% do país (a indiferença com que tudo se viveu ultrapassa qualquer
visão muito pessimista) e terá a medida em que eu vejo as saídas bloqueadas.
Não há, de longe ou de perto, condições revolucionárias ou pré-revolucionárias
neste país; os chamados quadros burgueses apoiarão tudo o que lhes dê mais garan-
tias a longo prazo (e o Marcello dá-as) os intelectuais... Não insisto. Assim sen-
do, nada pode arrancar este país ao seu triste destino e a missão de alguns con-
tinuará a ser a pobre impotência moral de testemunhar. Nenhuma razão existe
para desistirmos de ser nós próprios e é desistir de sê-lo, quanto a mim, apoiar
o novo Príncipe e aceitar a renovação na continuidade. E não é precisa muita imagi-
nação para ver repetida aqui a trágica história antiga-recente da social demo-
cracia europeia julgando que o apoio que derem lhes permitirá um bom lugar ao Sol,
achar-se-ão de novo à chuva e sem sequer continuam de pé. Defendem a passi-
vidade para evitar males maiores: passivos permitirão a futura imolação, na pri-
meira volta.

Este era, a meu ver, a hora exacta para uma prova de forças, que for-
çaria o Poder a definir-se e a situar-se. Faltando ela, tudo continuará como dan-
tes, por mais um par de anos, que pode não ser pequeno (e a situação internacio-
nal está longe de ser animadora, com os russos em Praga e o anti-comunismo
necessariamente consequente a revigorar-se por toda a parte).

Não sou profeta. Mas não vejo nenhuma razão, entre todas a possível,
para se ser optimista. Com um novo estilo... e uma nova forma, este país conti-
nuará o passado recente e não recente de quinta de meia-dúzia onde outra meia-
dúzia vai tentando encontrar compensações para o que não é capaz de fazer, nem

[p.3]

cia infeliz. Já se chega ao ponto de um conhecido opositorista me
ter dito noutro dia, com aparente convicção, a propósito do tal tipo
que morreu em Caxias, que o Marcello não podia saber de tudo,
que estava era mal rodeado, etc. Ah! si le roi savait ça. Onde isto
tudo é mais espantoso é em jornais como o Diário de Lisboa ou a
Capital que funcionam como o Diário da Manhã do novo regime (a
piada não é minha) e que dedicam, dia a dia, editoriais e notas do
dia a insistir no que de positivo adivinham ou querem adivinhar.
Junte a tudo isto o apolitismo total de 90% do país (a indiferença
com que tudo se viveu ultrapassa qualquer visão muito pessimista)
e terá a medida em que eu vejo as saídas bloqueadas. Não há, de
longe ou de perto, condições revolucionárias ou pré-
revolucionárias neste país; os chamados quadros burgueses
apoiarão tudo o que lhes dê mais garantias a longo prazo (e o
Marcello dá-as) os intelectuais... Não insisto. Assim sendo, nada
pode arrancar este país ao seu triste destino e a missão de alguns
continuará a ser a pobre impotência moral de testemunhar.
Nenhuma razão existe para desistirmos de ser nós próprios e é
desistir de sê-lo, quanto a mim, apoiar o novo Príncipe e aceitar a
renovação na continuidade. E não é precisa muita imaginação para
ver repetida aqui a trágica história antiga-recente da social
democracia europeia julgando que o apoio que derem lhes
permitirá um bom lugar ao Sol, achar-se-ão de novo à chuva e sem

cia infeliz. Já se chega ao ponto de um conhecido opositorista me ter dito nou-
tro dia, com aparente convicção, a propósito do tal tipo que morreu em Caxias,
que o Marcello não podia saber de tudo, que estava era mal rodeado, etc. Ah!
si le roi savait ça. Onde isto tudo é mais espantoso é em jornais como o Diário
de Lisboa ou a Capital que funcionam como o Diário da Manhã do novo regime
(a piada não é minha) e que dedicam, dia a dia, editoriais e notas do dia a insis-
tir no que de positivo adivinham ou querem adivinhar. Junte a tudo isto o apolitis-
mo total de 90% do país (a indiferença com que tudo se viveu ultrapassa qualquer
visão muito pessimista) e terá a medida em que eu vejo as saídas bloqueadas.
Não há, de longe ou de perto, condições revolucionárias ou pré-revolucionárias
neste país; os chamados quadros burgueses apoiam tudo o que lhes dê mais garan-
tias a longo prazo (e o Marcello dá-as) os intelectuais... Não insisto. Assim sen-
do, nada pode arrancar este país ao seu triste destino e a missão de alguns con-
tinuará a ser a pobre impotência moral de testemunhar. Nenhuma razão existe
para desistirmos de ser nós próprios e é desistir de sê-lo, quanto a mim, apoiar
o novo Príncipe e aceitar a renovação na continuidade. E não é precisa muita imagin-
nação para ver repetida aqui a trágica história antiga-recente da social demo-
cracia europeia julgando que o apoio que derem lhes permitirá um bom lugar ao Sol,
achar-se-ão de novo à chuva e sem sequer continuam de pé. Defendem a passi-
vidade para evitar males maiores: passivos permitirão a futura imolação, na pri-
meira volta.

Este era, a meu ver, a hora exacta para uma prova de forças, que for-
çaria o Poder a definir-se e a situar-se. Faltando ela, tudo continuará como dan-
tes, por mais um par de anos, que pode não ser pequeno (e a situação internacio-
nal está longe de ser animadora, com os russos em Praga e o anti-comunismo
necessariamente conseqüente a revigorar-se por toda a parte).

Não sou profeta. Mas não vejo nenhuma razão, entre todas a possível,
para se ser optimista. Com um novo estilo... e uma nova forma, este país conti-
nuará o passado recente e não recente de quinta de meia-dúzia onde outra meia-
dúzia vai tentando encontrar compensações para o que não é capaz de fazer, nem

[cont. p.3]

sequer continuam [sic] de pé. Defendem a passividade para evitar
males maiores: passivos permitirão a futura imolação, na primeira
volta.

Este era, a meu ver, a hora exacta para uma prova de forças,
que forçaria o Poder a definir-se e a situar-se. Faltando ela, tudo
continuará como dantes, por mais um par de anos, que pode não
ser pequeno (e a situação internacional está longe de ser
animadora, com os russos em Praga e o anti-comunismo
necessariamente conseqüente a revigorar-se por toda a parte).

Não sou profeta. Mas não vejo nenhuma razão, entre todas
a possível, para se ser optimista. Com um novo estilo... e uma nova
forma, este país continuará o passado recente e não recente de
quinta de meia-dúzia onde outra meia-dúzia vai tentando
encontrar compensações para o que não é capaz de fazer, nem

talvez tenha possibilidades de fazer.

Desculpe este longo arrazoado, com atraso de mês e meio. Mas é isto que penso e não encontrei ainda argumentos ou práticas que me convençam que penso mal.

Quanto ao T. e M. saiu o caderno sobre Deus que deve estar a receber. Estamos a tentar um número sobre o momento, que não sei o que dará (a Censura não desarma). Os estatutos da Sociedade Anónima estão prontos e a escritura a fazer-se. A sua contribuição será bemvinda.

Quanto à ideia da semana da Crítica acho-a ótima. Quer Você encarregar-se de a precisar? Dê notícias.

Um grande abraço com a amizade e a admiração do

João Bénard da Costa

[p.4]

talvez tenha possibilidades de fazer.

Desculpe este longo arrazoado, com atraso de mês e meio. Mas é isto que penso e não encontrei ainda argumentos ou práticas que me convençam que penso mal.

Quanto ao T. e M. saiu o caderno sobre Deus que deve estar a receber. Estamos a tentar um número sobre o momento, que não sei o que dará (a Censura não desarma). Os estatutos da Sociedade Anónima estão prontos e a escritura a fazer-se. A sua contribuição será bemvinda.

Quanto à ideia da semana da Crítica acho-a ótima. Quer Você encarregar-se de a precisar? Dê notícias.

Um grande abraço com a amizade e a admiração do

João Bénard da Costa